

A BELA E A FEIA

Roberta Montello Amaral¹

Mês passado li um artigo sobre economia e inflação de um ex-aluno e amigo, prof. Alexandre Espírito Santo, intitulado “Bela Adormecida”. O prof. Alexandre, assim como eu, gosta de falar para os leigos, não se vale do economês para dar sua opinião. Acredita que, assim, está levando seu recado a mais pessoas. É nisso que eu acredito: levar conhecimento ao maior número de pessoas e, para isso, nada melhor do que o velho e bom português. Assim, nesta semana, pegando carona na ideia dele, meu texto é inspirado no filme da Bela e a Fera.

Nos valendo do velho e bom google, podemos achar um bom resumo do filme para aqueles que, diferente de mim, não lembram ou não gostam de histórias infantis: “Moradora de uma pequena aldeia francesa, Bela tem o pai capturado pela Fera e decide entregar sua vida ao estranho ser em troca da liberdade do progenitor. No castelo, ela conhece objetos mágicos e descobre que a Fera é na verdade um príncipe que precisa de amor para voltar à forma humana”. Mas e o que isso tem a ver com economia?

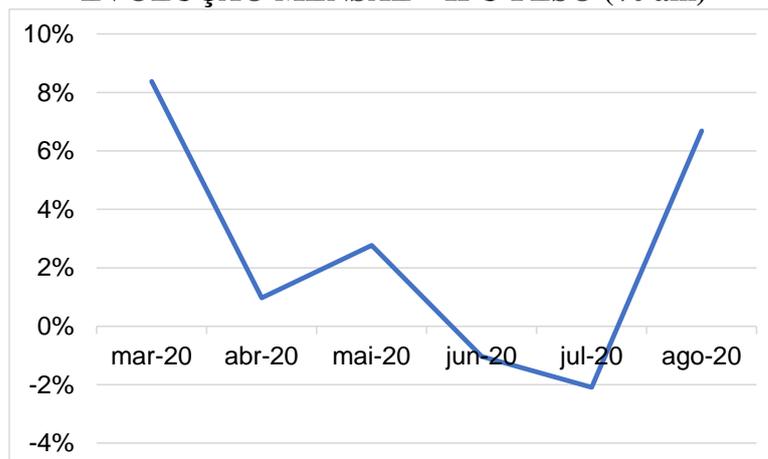
Bom, primeiro é preciso lembrar que as minhas colunas falam de economia. Meu assunto preferido é inflação. E, como eu coordeno a pesquisa de preços do IPC-FESO, o Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis, que mede, a partir da coleta de preços pelos alunos de graduação em Administração e Ciências Contábeis do UNIFESO, a inflação do nosso município, por que não usar o filme para fazer um pouquinho de exercício de avaliação com ele?

Antes de mais nada, vamos relembrar os acontecimentos deste ano: começamos o ano com notícias nada animadoras de um vírus e, em março, fomos submetidos a um isolamento social e lockdown do comércio. Diante de uma potencial calamidade para a população mais pobre, o Governo liberou um socorro, um auxílio emergencial àqueles que, de uma hora para outra, ficaram sem renda. E o que a Bela e a Fera têm com isso?

O fato é que o filme trata de uma linda moça (a população de baixa renda) que, de uma hora para outra se vê numa situação adversa (como a do COVID-19) e, magicamente, encontra consolo nos objetos do castelo (o auxílio emergencial). Mas a vida não é um romance. Nem tampouco um filme da Disney com final feliz. A teoria econômica nos ensina que aumentar a renda sem o efetivo aumento da produção (que foi o caso brasileiro), mais cedo ou mais tarde só pode resultar em inflação. De fato, é o que estamos começando a ver em Teresópolis. Vejamos como os preços se comportaram nos últimos 6 meses:

¹ *Roberta Montello Amaral* é economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Nutrição do UNIFESO. E-mail: robertaamaral@unifeso.edu.br.

EVOLUÇÃO MENSAL – IPC-FESO (% am)



Fica evidente que, com a volta do comércio à quase normalidade (a suspensão total de lockdown, para nós, aconteceu em agosto) foi o combustível que faltava para que os nossos preços voltassem a subir de forma significativa. É interessante notar que o patamar de inflação de agosto é bem semelhante ao de março, quando os incrementos apurados refletiram a corrida das pessoas aos mercados, pois, quem podia, fez estoque de alimentos com medo de que até os mercados fechassem ou ficassem desabastecidos.

Isso é para vermos que, diferente dos contos de fadas, a vida real cobra suas consequências diante das atitudes tomadas. Sem querer opinar se a opção pelo auxílio era certa ou errada, se seu valor foi alto ou baixo ou optar por sua continuidade é sensato ou não, o fato é que, agora, começamos a colher o que plantamos. Então, é hora de agir! Tenho fé e esperança de que o Sr. Ministro Paulo Guedes, muito mais conhecedor de economia do que eu, adote as medidas necessárias para conter esse monstro, pois, se nada for feito, o nome desse filme acabará tendo que mudar para “A Bela e a Feia”. Até a próxima!